

PERIÓDICOS E MEMORIALISTAS: POSSIBILIDADES HISTÓRIOGRÁFICAS NA PESQUISA DAS CLASSES ABASTADAS FORTALEZENSES DA DÉCADA DE 40.

Reverson Nascimento Paula*

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de fazer uma análise teórico-metodológica e ao mesmo tempo empírica dos diferentes usos oferecidos pelos periódicos e memorialistas utilizados na pesquisa “*QUANDO FORTALEZA TROCOU O CHAPÉU EMPLUMADO PELA CARTOLA DO TIO SAM*”: *relações sociais, culturas e cotidiano em transição das classes abastadas fortalezenses nos anos 40*, sendo o objetivo principal perceber de que forma os três jornais de maior circulação em Fortaleza (O Nordeste, O Povo e o Unitário) e os memorialistas que escreveram sobre a Fortaleza da década de 1940 podem orientar nossa prática de pesquisa e nos ajudar a revisitar o cotidiano das classes abastadas fortalezenses daquele período, conhecendo de forma mais aprofundada as práticas destas famílias e a sua relação com o controle social exercido na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Periódicos e Memorialistas. Classes abastadas. Controle social.

ABSTRACT: This paper has intention to make a theoretical and methodological analysis and at the same time the empirical uses offered by different journals and memoirs used in research “*QUANDO FORTALEZA TROCOU O CHAPÉU EMPLUMADO PELA CARTOLA DO TIO SAM*”: *relações sociais, culturas e cotidiano em transição das classes abastadas fortalezenses nos anos 40* with the main objective to understand how the three major newspapers in Fortaleza (O Nordeste, O Povo e o Unitário) and memoirists who have written about the Fortress of the 1940s can practical guide our research and help us to revisit the daily lives of the wealthy classes fortalezenses that period, knowing more fully the practices of these families and their relationship to social control in the city.

KEYWORDS: Journals and memoirs. Affluent classes. Social control.

INTRODUÇÃO A UMA HISTÓRIA DOS PERIÓDICOS E DOS MEMORIALISTAS COMO FONTES

Aos historiadores coube o complexo ofício de restituir o passado, buscando alcançar a maior aproximação da “totalidade” dos fatos possível. Entretanto, mesmo sabendo da impossibilidade de atingir essa “verdade” do acontecimento, temos como premissa básica o dever de tentar e, como uma de nossas muitas funções sociais, não permitir que as sociedades atuais se esqueçam do que passou. Desta forma, cabe-nos a tarefa de através dos vestígios

*Mestrando em História e Culturas (MAHIS) pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, vinculado à linha de pesquisa de Práticas Urbanas e bolsista CAPES.

deixados por muitas das sociedades, sejam eles quais forem, tornar este passado inteligível aos olhos atuais, assim buscando cada vez mais fontes que nos ajudem na reconstrução dos variados processos sociais.

Neste artigo trataremos de uma das bases que sustentam a pesquisa histórica: as fontes de pesquisa. Estas sobre as quais nós historiadores nos debruçamos durante dias, meses e anos de pesquisa, em busca da melhor maneira de coletar, catalogar e analisar. Cabe ao historiador, através dos vestígios deixados pelos povos do passado, o trabalho de coletar em meio a tantos fragmentos o material necessário, onde através de sua capacidade analítica poderá interpretá-los, tendo sempre como objetivo o encontro não de uma realidade fixa e imutável e sim de regimes de verdades passíveis de discussões e atualizações sempre que necessário.

Nesta empreitada, tudo começa como o gesto do historiador de escolher, reunir, separar e catalogar, dessa maneira transformando em “documentos” diversos objetos que antes não possuíam esse status (LE GOFF, 2010). Dessa forma, lançando mão de métodos necessários a essa empreitada, buscando os não ditos e os silêncios por trás do falado:

[...] dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo. Mas, nesse rastrear do método, um outro elemento ainda se coloca como essencial para o historiador. (...) é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência na qual se insere o objeto do historiador (PESAVENTO, 2008, p.65).

Assim, é papel do profissional em pesquisa histórica ter a responsabilidade de realizar processos mentais que mergulhem através da sua erudição e possibilitem a articulação entre fontes e teoria.

Deste modo, cabe ao historiador a tarefa de eleger suas fontes, tornando estes documentos um berço de matéria prima fecunda a um campo de enormes e variadas possibilidades de pesquisa. Assim, se apropriando delas por meio de abordagens específicas e métodos diferentes, percebendo que estas possuem suas historicidades e que, com as atuais mudanças em meio à pesquisa histórica, documentos que antes “dormiam” silenciosamente hoje tomam lugar de destaque nas mais atuais pesquisas.

Mas, afinal, qual traço comum que permite chamar de fontes para o conhecimento histórico coisas tão díspares como uma estátua grega de século V a.C., uma máscara maia, uma carta do Marquês de Pombal, um concerto de Mozart, uma película cinematográfica, um artigo de jornal sobre os perigos do desmatamento, uma entrevista gravada de um trabalhador em greve, uma fotografia e uma telenovela? A resposta está no interesse do historiador em inquirir o que essas

coisas revelam sobre as sociedades às quais elas pertencem e na criação de uma narrativa explicativa sobre o resultado de suas análises (PINSKY, 2010, p.10).

A historiadora Carla Pinsky (Ibidem) nos ajuda a perceber como objetos tão distintos podem ser chamados de fontes em meio à pesquisa histórica, explicando que o ato de questionar, que o historiador realiza ao analisar estes materiais, é que possibilitam que esse estatuto de fonte seja dimensionado e expandido. Através dele, as agora consideradas fontes, nos ajudem a perceber as peculiaridades da sociedade em que foram produzidas.

Nesta pesquisa, escolhemos trabalhar principalmente com dois tipos de fontes, os periódicos e os livros de memórias, os quais acreditamos dar conta das hipóteses e dos questionamentos levantados até aqui. Entretanto, nem sempre este tipo de documento foi considerado como fonte e utilizado na pesquisa histórica. Somente a partir da revolução provocada pela Escola dos Annales é que este tipo de fonte passou a ser aceita e utilizada pelos historiadores.

Até a década de 1930 a pesquisa histórica baseava-se no uso de fontes oficiais e na história dos grandes homens. Somente com a quebra desse paradigma e com o papel exercido por historiadores franceses ligados à revista *Annales d'histoire économique et sociale*, como Lucien Febvre e Marc Bloch, é que novos temas, novas abordagens e principalmente novas fontes passaram a ser utilizadas pelos historiadores (BURKE,1997). A novidade parece-nos estar ligada a três processos: “novos problemas colocam em causa a própria história; novas abordagens modificam, enriquecem, subvertem os setores tradicionais da história; novos objetos, enfim, aparecem no campo epistemológico da história” (LE GOFF; NORA, 1978, apud, DE LUCA, 2010, p.113); dessa maneira, levando os historiadores a buscarem também novas fontes capazes de dar conta de todo o novo arcabouço teórico-empírico necessário a quebra destes paradigmas.

Com Febvre e Bloch, tivemos inovações como a busca da interdisciplinaridade e a discordância em relação à historiografia política tradicional que apenas compreendia superficialmente os acontecimentos, dessa forma, propondo uma História-problema onde as fontes seriam analisadas a partir das hipóteses levantadas pelos historiadores. Com Fernand Braudel tivemos uma nova forma de história total, realizada através da sistematização de “princípios metodológicos sobre os vários ritmos do tempo histórico – longa duração, média e curta – correspondentes ao tempo geográfico, tempo social e tempo individual” (PINSKY, 2010, p. 13). Já com a terceira geração dos Annales, na década de 1970, principalmente com Jaques Le Goff e Pierre Nora, tivemos a chamada Nova História. Preocupada com novos

problemas, objetos e abordagens, possibilitaram a utilização de novas fontes como os periódicos e os livros de memórias, materiais relegados a não utilização devido à complexidade existente por trás das subjetividades em torno dessas fontes (Ibidem).

Durante muito tempo, aconselhou-se aos historiadores buscar o maior distanciamento de suas fontes possível, assim, tentando fazer com as fontes e os métodos de análise se aproximassem ao máximo de uma objetividade pretendida cientificamente. Dessa maneira, documentos produzidos pelas sociedades passadas e que poderiam dar um suporte documental maior às pesquisas realizadas pelos historiadores, foram deixados de lado. Estas fontes, por serem consideradas extremamente subjetivas e de caráter ficcional, teoricamente, não possibilitando que o historiador obtivesse uma compreensão do “real acontecido” e sim visões parciais e distorcidas dos fatos, foram sendo silenciadas. Dessa maneira, os periódicos e os livros de memórias foram classificados durante muitos anos como incapazes de serem utilizados como fontes na pesquisa histórica.

Os periódicos foram classificados dessa maneira por possuírem diversos interesses por trás da produção e da circulação de suas matérias. Assim, trazendo em sua escrita, subjetividades do autor da notícia, do redator e do diretor do jornal, os interesses do grupo político, social ou econômico ao qual estava ligado e principalmente o interesse de alcançar determinada parcela da população, assim direcionando intencionalmente seu discurso para atingir seus objetivos. Já os memorialistas receberam este estigma devido ao saudosismo existente em sua escrita, tornando suas memórias quase que mágicas e fantasiosas, muitas vezes idealizando um mundo visível somente aos seus olhos. Olhos estes que estavam diretamente ligados ao grupo social em que este autor estava inserido, à camada da população a que pertencia e, principalmente, à maneira com que vivenciou aqueles momentos.

Porém, com a revolução realizada pelos Annales, e pela inovação trazida pela terceira geração, esse distanciamento do objeto e a busca da objetividade passaram a ser encarados através de outro ponto de vista, dessa maneira possibilitando que estas subjetividades também fossem apreciadas na pesquisa histórica. Caberia ao historiador através das hipóteses criadas e de um rigoroso método, analisar o que e como estas subjetividades poderiam ser compreendidas e como contribuiriam para a apreensão do cotidiano que se pretendia estudar. A utilização dos impressos e dos livros de memória resultaram justamente dessa renovação da própria disciplina. Significa, ao menos, que tais mudanças provocaram

rupturas epistemológicas ao conhecimento histórico, constituindo-se, entre outros, uma “revolução documental” (LE GOFF, 2010, p.531).

Desta maneira, caberia ao historiador analisar rigorosamente estas fontes, buscando determinadas características entranhadas e até mesmo mascaradas no discurso destas fontes. Assim, através do mapeamento dos grupos sociais e políticos que comandavam os periódicos, dos interesses por trás de determinadas notícias, da motivação que exercia determinadas tentativas de alcançar um público específico, do saudosismo dos memorialistas, da camada social que faziam parte e como eles percebiam aquele cotidiano é que estes documentos ganharam o estatuto de fontes, através principalmente da escolha do historiador.

CONHECENDO AS FONTES UTILIZADAS: OS PERIÓDICOS E OS MEMORIALISTAS EM QUESTÃO

O trabalho, do qual apresentaremos as fontes utilizadas até o momento, apresenta como proposta analisar a transformação das relações sociais e culturais do cotidiano da elite fortalezense, antes pautado pelos moldes franceses, para um cotidiano influenciado pelo modelo norte-americano na cidade de Fortaleza da década de 1940. Procuramos perceber as modificações nos hábitos e costumes (THOMPSON, 2011), na vivência das relações sociais, na maneira de se vestir, falar, comer, beber e se comportar, no âmbito público e privado, tendo como linha de pensamento a “decadência” de um modelo afrancesado e a instalação física e simbólica de uma hegemonia cultural (norte-americana) durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

Para realizarmos essa pesquisa e explorarmos os possíveis usos das fontes neste artigo, achamos importante apresentarmos a procedência dos documentos que vamos utilizar. Dessa maneira, mostrando o processo de aproximação com esse material, a sua localização e o estado de preservação encontrado.

Escolhemos, até o momento, trabalhar com três periódicos e dois livros de memórias que falam sobre a Fortaleza de 1940 a partir da ótica de seus autores. Assim, através dos horizontes de pesquisa que estas fontes nos permitem, pretendemos através dos periódicos escolhidos conseguir-mos perceber determinadas peculiaridades a cerca da camada social e dos grupos políticos aos quais estão vinculados e, assim, perceber como estes interferiram no cotidianos da sociedade.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam

como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO; PRADO, 1980, p.19)

Assim, não compreendemos estes periódicos como documentos neutros e irrelevantes, mas como estratégias (CERTEAU, 1994) e dispositivos (FOUCAULT, 1984) capazes de interferir, influenciar e manipular uma determinada realidade que se fez presente na década de 1940: a incorporação de variados costumes norte-americanos ao cotidiano das classes abastadas de Fortaleza.

Os jornais escolhidos foram O Nordeste, O Povo e o Unitário, principalmente por se tratarem dos três jornais de maior circulação em Fortaleza naquele período (GIRÃO, 2008), assim nos insinuando uma perspectiva de maior alcance social. Entretanto a escolha desses três periódicos não se deu somente por essa questão, o fato de cada jornal ser produzido por diferentes segmentos da sociedade e estar vinculado a interesse políticos distintos, nos motivaram a fazer essa escolha, pois acreditamos que desta maneira conseguiremos ter uma visão mais plural do cotidiano fortalezense daquela época.

O jornal O Nordeste foi fundado pela Diocese de Fortaleza, em 29 de julho de 1922, para defender os postulados do catolicismo cearense, tendo como mercado de consumo a comunidade religiosa do Ceará. O jornal, que circulou durante 45 anos, era publicado diariamente contando diversas matérias relacionadas à maneira com que a população, principalmente a católica deveria agir e se comportar, contava com colaboração de escritores assíduos como Luís Sucupira, José Valdivino e N. Bezerra, os quais traziam em seus artigos repletos de subjetividades, a posição política e social que esse grupo representava.

Já o jornal O Povo surgiu em 7 de janeiro de 1928, tendo com fundador o jornalista Demócrito Rocha. Iniciou sua publicação combatendo vícios da República Velha, como coronelismos, e criticando os partidos políticos pela ausência ou estreiteza de suas idéias. Prometia mudanças no estilo jornalístico, através de uma linha de ação mais moderada. Transformou-se depois em um jornal essencialmente comunitário, mas de posicionamento políticos bem definidos.

Por fim o Unitário, fundado por João Brígido em 8 de abril de 1903, para combater a oligarquia acciolina. Com a derrubada desta, passou a fazer oposição ao governo do Presidente Franco Rabelo. Em 26 de janeiro de 1914 foi o “Unitário” destruído por um grupo de desordeiros. Suspendeu sua publicação em 1918, voltando a circular em 16 de

fevereiro de 1935 para logo desaparecer. Em 9 de janeiro de 1938 iniciou sua 3ª e atual fase e em 1940 foi encampado pelo “Diários Associados”.

Já os livros de memórias foram escolhidos devido à possibilidade de se revisitar a cidade através dos relatos memorialísticos de seus autores, os quais vivenciaram vários dos acontecimentos daquele período. Os livros de memórias escolhidos foram *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40* (1996) e *A invasão dos cabelos dourados: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”* (2008), escritos respectivamente pelos memorialistas Marciano Lopes e Blanchard Girão.

Desta maneira, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p.423).

Desta forma, ao escolhermos os memorialistas Marciano Lopes e Blanchard Girão estamos vislumbrando uma ótica sob a Fortaleza de 1940 a partir das camadas mais abastadas, tendo em vista que estes autores tiveram formação acadêmica, foram jornalistas e no caso do segundo exerceu a profissão de advogado. Desta maneira, devemos nos atentar à seguinte questão: quem na Fortaleza daquele período teria condições financeiras boas o suficiente para custear este tipo de formação? Assim, percebemos que estes dois autores pertenciam à elite fortalezense e, dessa maneira, nos ajudam a analisar as práticas e as relações desenvolvidas por esse segmento social.

Todavia, estes memorialistas devem ser utilizados mediante extrema cautela, tendo em vista a análise de suas lembranças, o processo de construção e re-significação de fatos e feitos, e a linha tênue entre realidade e ficção, que muitas vezes pode ser transpassada durante o ato de lembrar. Porém, o relevante na análise de suas memórias será enxergar a maneira com que o ocorrido foi lembrado e o contexto em que aconteceu, assim, buscando em suas experiências pessoais um maior entendimento das relações sociais e das práticas culturais coletivas da Fortaleza daquele período. Contudo, as obras dos memorialistas Marciano Lopes (1996) e Blanchard Girão (2008) deverão ser cruzadas e conflitadas com os periódicos já mencionados, para que, dessa maneira, possamos começar a compreender a complexa rede de emaranhados que se desenrolava na Fortaleza da década de 1940.

Assim, já tendo contextualizado nosso leitor a cerca das fontes utilizadas e da escolha feita por estas e não por outras, buscaremos nos aproximar do processo que se deu entre a escolha, a obtenção e a análise dessas fontes, mostrando, dessa maneira, o “garimpo” e a destreza necessária nesta empreitada.

Após a conclusão do trabalho monográfico intitulado *Sopros de um conflito: Escritos e memórias sobre um cotidiano de guerra em Fortaleza. (1942-1945)* (NASCIMENTO PAULA, 2013), a possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre as influências francesa e norte-americana na Fortaleza de 1940 nos apareceu em mente. Pensando nisso, a partir da escolha do objeto, buscamos fazer um primeiro levantamento bibliográfico e historiográfico do material existente sobre o tema, assim intencionando cada vez mais um aprofundamento a cerca das diversas possibilidades.

Através desta primeira “peneira”, chegamos ao setor hemerográfico da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, em Fortaleza. Lá encontramos os periódicos escolhidos disponíveis para pesquisa. O jornal O Nordeste e o Unitário se encontravam na parte dos periódicos impressos, já O Povo se encontrava somente no setor de periódicos microfilmados. Nos dois primeiros jornais encontramos dificuldades em relação ao estado de conservação, tendo em vista o passar do tempo e a inexistência de uma política adequada de preservação deste tipo de acervo. Assim, encontrar páginas rasgadas, cortadas ou em alto grau de “esfarelamento” se tornou quase que uma visão diária. O jornal alocado no setor de microfilmados se encontrava em situação mais favorável à pesquisa, entretanto o desgaste do material durante o processo de microfilmagem deve ter contribuído para a danificação de alguns exemplares do mesmo.

O livro *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40* (LOPES, 1996) trás uma ótica saudosista de um memorialista que sente falta da Fortaleza que vivenciou na década de 1940, entretanto se encanta com as modificações ocorridas naquele período. Marciano Lopes trata em sua obra de assuntos variados, como a arquitetura das casas e dos bairros, a iluminação e o transporte público, as praças, o cinema, as lojas e seus produtos, as práticas alimentares da população, a Segunda Guerra e o convívio com os soldados norte-americanos dentre muitos outros temas. Entretanto o que torna essa obra particular para a análise desenvolvida até o momento é perceber de que grupo social o autor está falando, que famílias Lopes trás em suas histórias, pois, na escrita do autor, fica claro que ele refere-se a uma determinada parcela da população.

Certa noite, lá em casa, lembro como se fosse agora. Áurea chegou com uma notícia estapafúrdia: os americanos tinham inventado uma “meia de vidro”. Seria tão fina e transparente que podia ser lavada e usada a seguir, pois, sua secagem era instantânea. E ela, que usava meias, quase permanentemente, seria das maiores beneficiadas com o novo invento. Então, as tais meias apareceram nas lojas e a minha decepção foi enorme, pois, desde que ouvira falar nas ditas cujas “meias de vidro”, matutava, imaginando como que era possível. Na minha visão de menino de onze anos, seria algo como enormes copos em forma de pernas humanas. Mas, e as dobras dos joelhos? E os movimentos dos pés? E quando levasse uma pancada forte e se quebrassem? Pra mim, aquilo não era vidro coisa nenhuma. As meias de nylon chegaram, fizeram furor, as tradicionais meias de seda foram encostadas, as mulheres tinham prazer em ostentar a novidade que mostrava até os poros das pernas. Uma sensação! As vitrinas mostravam as raridades, como jóias preciosas (LOPES, 1996, p. 126).

Através da memória do autor, percebemos alegoricamente o caráter simbólico existente por trás da posse de determinados produtos que começavam a ser vendidos na Fortaleza de 1940. Assim, podemos perceber também, que não era qualquer família que possuía acesso a esse tipo de utensílio, principalmente se levarmos em consideração que as famílias mais abastadas detinham a força econômica e assim, se tornavam as únicas capazes de possuir estes determinados objetos, desta maneira passando a exibi-los como marcas de uma distinção social em meio ao restante da população.

No livro *A invasão dos cabelos dourados: do uso aos abusos no tempo das “cocalas”* (GIRÃO, 2008), o autor nos mostra uma Fortaleza em constante processo de aprendizado e transição. Através de temáticas envolvendo principalmente o cotidiano de guerra que se inseriu em Fortaleza durante a Segunda Guerra, a instalação das bases militares norte-americanas e do convívio entre soldados estadunidenses e fortalezenses, o memorialista traz toda a efervescência de uma cidade que almeja se tornar civilizada dentro da perspectiva do American Way of Life e da Política de Boa Vizinhança. Vislumbramos a parcela mais abastada de Fortaleza entrando em contato com novas práticas sócio-culturais. No Brasil, outros eram os costumes. “Homens sem ternos e chapéus, substituídos por trajes leves, calça e camisa de mangas curtas, as mulheres passando a fumar em público, encurtando as saias, e introduzindo o uso de calças masculinas. Estávamos submetidos ao figurino que os americanos, pelo cinema, e diretamente, nos haviam transmitido” (Ibidem, p.181).

Dessa maneira, acreditamos que, com a análise criteriosa dos interesses econômicos, políticos e sociais por trás dos jornais e do sentimento de pertencimento dos memorialistas, conseguiremos perceber, paradoxalmente, o enfraquecimento da influência afrancesada e a ascensão de um modelo norte-americano dentro do cotidiano das classes

abastadas de Fortaleza, assim levando em consideração, inclusive, a coexistência das duas influências durante um determinado momento.

TRAZENDO AS FONTES PARA UMA ANÁLISE: METODOLOGIA E TÉCNICAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Com o texto apresentado até o momento, tivemos a intenção de trazer ao leitor a compreensão necessária acerca do uso dos periódicos e dos memorialistas como fontes, o processo de aquisição e a justificativa histórica para a utilização destas fontes na pesquisa em questão. A partir deste momento, deixaremos o campo teórico das suposições e buscaremos partir para a ordem prática a respeito da efetividade destas fontes na pesquisa sobre as camadas mais abastadas de Fortaleza e o processo de transição entre as influências francesas e norte-americanas.

Como falado anteriormente, este trabalho pretende analisar a transformação do cotidiano das elites fortalezenses de 1940, a partir da percepção de mudanças nas relações sociais, da maneira de se vestir, de comer, de falar e, principalmente, de se comportar, tendo como linha de pensamento a diminuição do nível da influência francesa nos costumes citadinos e o aumento da força das práticas estadunidenses durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

Pensando nisso, após a coleta das fontes já mencionadas, começamos um processo de organização por temáticas específicas em relação ao objeto, desta maneira buscando, de forma funcional, agrupar tanto as notícias coletadas dos periódicos como as referências dos memorialistas em seis subtemáticas: Hábitos e costumes, relações sociais e comportamento; moda e vestuário; idioma; alimentação; serviços, produtos e utensílios; e situação da França. Assim, partindo de nosso objeto e das possíveis hipóteses a serem levantadas, acreditamos que esta parcial organização nos ajudará a perceber de maneira mais específica cada ponto inserido dentro das práticas cotidianas das elites fortalezenses.

Dentro desta divisão é possível notar uma temática que se diferencia dentro das outras pré-estabelecidas, seria o caso do item a respeito da situação da França durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o mesmo se fez necessário tendo em vista o grande número de notícias e de referências memorialísticas a respeito do domínio alemão sobre a França, desta forma, nos fazendo imaginar a relação existente entre esse cerceamento de liberdade territorial, econômica e comercial e a diminuição da influência francesa no cotidiano fortalezense.

Assim, através da análise destas fontes, podemos começar a perceber como este acontecimento internacional pode ter afetado o cotidiano local daquele período.

BLOCO PARLAMENTAR FRANCÊS EM LONDRES

Nove antigos ex-deputados e um antigo ex-senador franceses, formaram um grupo parlamentar francês, com o objetivo proclamado de “libertar a França e restaurar sua democracia”. Os fundadores dos grupos são todos evadidos da França desde o armistício e fazem parte da organização Franceses combatentes. (grifo nosso) (Bloco parlamentar francês em Londres. O Nordeste. Fortaleza, 07 de Abr. 1943, p.7.)

Tendo em vista a análise da notícia e a percepção de determinados detalhes, podemos perceber que, após a invasão e o domínio alemão, diversos políticos franceses tiveram que se evadir de seu país e, à distância, “lutar” pelo retorno da liberdade à sua pátria mãe. O título da notícia nos ajuda a perceber que estes “combatentes” se encontravam em Londres. Deste modo, somos levados a imaginar a situação de terror que se encontrava em seu país, forçando-os a se exilarem em outra nação e de lá tentarem retomar o que já não existiria mais, pois o fato de explicitarem a pretensão de “recuperar a democracia perdida” nos faz perceber que o governo alemão em solo francês estaria sendo exercido através de alguma forma de tirania ou repressão.

A hipótese levantada acaba por ganhar força através dos livros de memórias analisados, onde podemos enumerar uma grande quantidade de referências feitas a uma França arrasada e sem forças o suficiente para se erguer de imediato.

Na segunda metade dos anos quarenta, terminada a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa arrasada, procurava recuperar-se, emergindo dos escombros, os americanos inventaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. A França, até então, senhora absoluta e ditadora suprema da Cultura do Ocidente, perdia sua hegemonia em favor de “Tio Sam”. Que fazer: a velha senhora estava seriamente enferma, lutava para recuperar-se da catástrofe que lhe fora quase fatal, não tinha forças para lutar contra os usurpadores. (LOPES, 1996, p. 125)

Desta forma, percebemos, através do trecho em questão, como o autor retrata a situação francesa após o término do conflito mundial. Desta maneira, é apresentado a nós pesquisadores um panorama a cerca do enfraquecimento econômico francês devido à destruição provocada pela Segunda Guerra e pelo domínio alemão, tendo como referência uma França destruída que buscava se reerguer e por isso não teria forças o suficiente para manter seu “monopólio cultural” no Ocidente.

Além desse vislumbre de situação, o autor ainda coloca a ascensão da influência norte-americana no Ocidente como tendo se aproveitado destas circunstâncias específicas de ausência de “competição”. Entretanto, o que realmente nos chama atenção, além desse panorama inicial, é conseguirmos perceber de qual lugar social o memorialista está escrevendo, pois devemos levar em consideração que o autor fala com certo conhecimento de situação ao afirmar que a França detinha o domínio da influência cultural até aquele momento e que, com o término do conflito, os norte-americanos teriam passado a “ditar” as regras. Assim, podemos questionar: como o mesmo poderia fazer tais afirmações se não estivesse em constante contato com estas influências? Como ele teria acesso ao conhecimento da situação francesa após o término do conflito se não através das notícias veiculadas nos periódicos diariamente? E como ele teria conhecimento dos produtos “inventados” e exportados pelos norte-americanos para o Brasil se não os tivesse visto ou adquirindo anteriormente?

Pensando nisso, devemos levar em consideração que o memorialista possuía conhecimento dos ditames culturais influenciados internacionalmente, comprava e lia cotidianamente algum jornal que veiculava em Fortaleza e possivelmente teve acesso aos produtos importados do “estrangeiro”. Estes fatos acabam se somando à formação de jornalista que o mesmo tinha e às condições financeiras necessárias a este tipo de educação. Dessa forma, possivelmente teria pertencido às classes mais abastadas de Fortaleza. Através desse tipo de análise é que começamos a traçar o caminho a ser realizado pela pesquisa que se encontra em fase embrionária de desenvolvimento.

Após a classificação e a divisão de nossas fontes dentro das subtemáticas apresentadas, começamos a perceber, de maneira mais precisa, como estas acabavam se entrelaçando ao decorrer da pesquisa histórica. O fato de a dividirmos por eixos diferenciados, não impediu que, ao longo das análises, encontrássemos assuntos que confluíam e jogavam entre si variados aspectos das classes mais bastadas de Fortaleza.

Como neste caso que vislumbramos comportamento, moda, alimentação e objetos se entrelaçando em um exemplo da mescla cultural que chagava importada dos E.U.A.

*[...] “Tio Sam”, com sua festiva cartola estrelada, começava a brincar com os tolos habitantes do Terceiro Mundo. Não eram só produtos oriundo da borra do petróleo que faziam a sensação por aqui, Roosevelt, o Presidente que “vencera” a guerra, queria conquistar, na paz, os povos subdesenvolvidos e **deu, em dose cavalhar, tudo que índio gosta: além das mencionadas quinquilharias, música latina, bem vibrante e alegre, danças sensuais e bebida – a “coca-cola”.** As quinquilharias estavam chegando, pouco a pouco Às lojas da cidade. As danças e cantos de ritmos*

quentes e contagiantes estavam nas telas dos cinemas. (LOPES, 1996, p. 125-126) (grifo nosso).

Entretanto, o que arremete o olhar do historiador é perceber que, ao mesmo tempo em que o autor possui conhecimento e acesso a esse tipo de influência que chega a Fortaleza, ele encara a chegada destes “produtos” com determinada resignação. Podemos perceber na linguagem do memorialista que, mesmo notando a força desta nova influência cultural, ele não a absorve passivamente. A preocupação com a intenção de “conquistar na paz os povos subdesenvolvidos” é algo que, assumidamente, preocupa o autor. Desta maneira, percebemos que esta transição pode não ter ocorrido de maneira tão pacífica como nos é passado, inclusive sofrendo resistências e abnegações por parte de alguns cidadãos.

Na análise das notícias de alguns dos periódicos pesquisados, encontramos justamente esse caráter de resistência percebido:

Trata-se do feio hábito de homens e rapazes assistirem a missa com uma idumentária sobremodo imprópria ao ato e à Casa de Deus. A camisa fora das calças e de mangas curtas; calção de banho a mão; roupa de fazenda transparente, parece mais que estão num balneário do que na presença da mais augusta cerimônia da nossa religião. Isso vem demonstrar que somos um povo-menino. O que vemos nos outros logo imitamos sem a precisa ponderação. (Às quintas. Traje masculino. O Nordeste. Fortaleza, 15 de Abr. 1943, p.3.)

Este é o caso do comportamento mencionado nesta notícia. Nesse trecho, temos um autor publicando no jornal O Nordeste uma crítica à maneira de se vestir dentro da Igreja por parte de alguns rapazes. Entretanto, o principal é percebermos que o autor da notícia coloca a culpa em uma determinada imaturidade da população, pois imitam o que veem pela cidade e reproduzem sem nenhum tipo de ponderação sobre o caso.

Através do cruzamento das notícias veiculadas nos periódicos escolhidos e dos livros de memórias trabalhados, podemos influir que a crítica feita está nos rapazes fortalezenses imitarem a maneira de se vestir dos soldados norte-americanos que eles presenciavam ao frequentarem as praias da cidade, dessa maneira, não levando em consideração a relação entre os locais que eles viam os soldados e as roupas adequadas à situação que eles utilizavam. Assim, o autor cobra destes rapazes um senso mais crítico em usar na “casa de Deus” algo apropriado ao local, e fora dela utilizar a mesma premissa.

Todavia, além de percebermos esta resistência à influência norte-americana, também devemos ter atenção em qual jornal está notícia foi veiculada, o grupo o qual o jornal está ligado e o autor em questão, dessa maneira, buscando nas entrelinhas a real intenção por traz da política editorial do respectivo periódico e a intenção de seus autores. Dessa forma,

temos o jornal O Nordeste como veículo propagador da notícia, jornal ligado a Igreja Católica e que possui em sua descrição a intenção de moralizar a população fortalezense, e J. Valdivino como autor da notícia, jornalista responsável por muitas das críticas feitas no jornal ao comportamento, ao vestuário, a alimentação, a religiosidade da população fortalezense.

Assim, podemos perceber que o fato do jornal se ligado a Igreja Católica e o autor ser um exímio crítico dos novos costumes que estavam chegando à cidade, podemos começar a mapear as intenções escondidas nos discursos de determinadas notícias e compreender as disputas de poder que podem ter existido entre grupos que pretendiam legitimar seus interesses.

Pois, assim como outras fontes, os impressos são produtos forjados a partir de representações contextualizadas da realidade. O que, invariavelmente, revelam formas simbólicas de luta pelo poder de representar, afirmando-se, com isso, a memória de um grupo ou mesmo de partidos políticos. Segundo Capelato, “nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade (CAPELATO, 1988, p.34).

Neste artigo, buscamos de forma superficial fazer uma discussão acerca das diversas possibilidades teórico-metodológicas que envolvem o uso dos periódicos e dos livros de memórias como fontes. Desta forma, através da percepção dos detalhes e das características apontadas é que começamos a “desenhar” uma elite fortalezense que na década de 1940 ainda estava em contato com as influências culturais francesas, mas também começavam a entrar em contato com as práticas e os costumes norte-americanos, tendo como plano de fundo a ocorrência da Segunda Guerra Mundial. Assim, ao analisar estas fontes, é que começamos a delinear possíveis hipóteses que nos ajudem a compreender o processo em questão, tendo em vista que ao mesmo tempo em que foi sendo absorvido foi sofrendo resistências, assim nos levando a acreditar na coexistência e em um processo não tão pacífico de transição cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- _____. PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino.** São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ, 1994
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados:** do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 4 Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- _____. “Documento/Monumento”. In: **História e Memória.** 5º Ed. Trad. Bernardo Leitão et.al, Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.525-541.
- LOPES, Marciano. **Royal Briar:** a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996.
- LUCA, Tania Regina de. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.
- NASCIMENTO PAULA, Reverson. **Sopros de um conflito:** escritos e memórias sobre um cotidiano de guerra em Fortaleza. (1942-1945). Monografia de graduação. UECE: 2013.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) LUCA, Tania Regina (Org.). **O Historiador e suas fontes.** 1 Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.